

Era uma vez um pequeno e carinhoso trator. O seu nome era Otis, e todos os dias Otis e o seu dono trabalhavam juntos cuidando da quinta que também era sua. Otis gostava de trabalhar.





No entanto, após trabalhar o dia inteiro, Otis estava pronto para desanuviar e brincar. Ele ia pelas colinas e dava a volta ao laguinho de lama que ficava perto dos campos de milho.



Saltava pelos fardos de palha e rapidamente irrompia pelos montes de feno.





De vez em quando, perseguia um coelho ou fazia rodas com os patos ao som do leve trabalhar do seu motor. *Truumm, truumm, truumm*.
E às vezes, ao final do dia, sentava - se debaixo da macieira e olhava a quinta ao longe.



Todas as noites, cansado mas feliz, Otis *truumm*teava até ao seu cantinho no celeiro da quinta.



Certa noite, enquanto Otis dormia profundamente, o lavrador trouxe uma linda bezerrinha para o celeiro. A bezerra não parava de berrar pela sua mãe, até que ouviu o som sonolento de um leve trabalho de motor e acabou por adormecer.



Desse dia em diante, a bezerra começou a seguir o pequeno trator para todo o lado. *Truumm, truumm, truumm*. Seguia-o pelas colinas e à volta do laguinho. E ia atrás dele, mesmo quando ele saltava por cima dos fardos de palha.



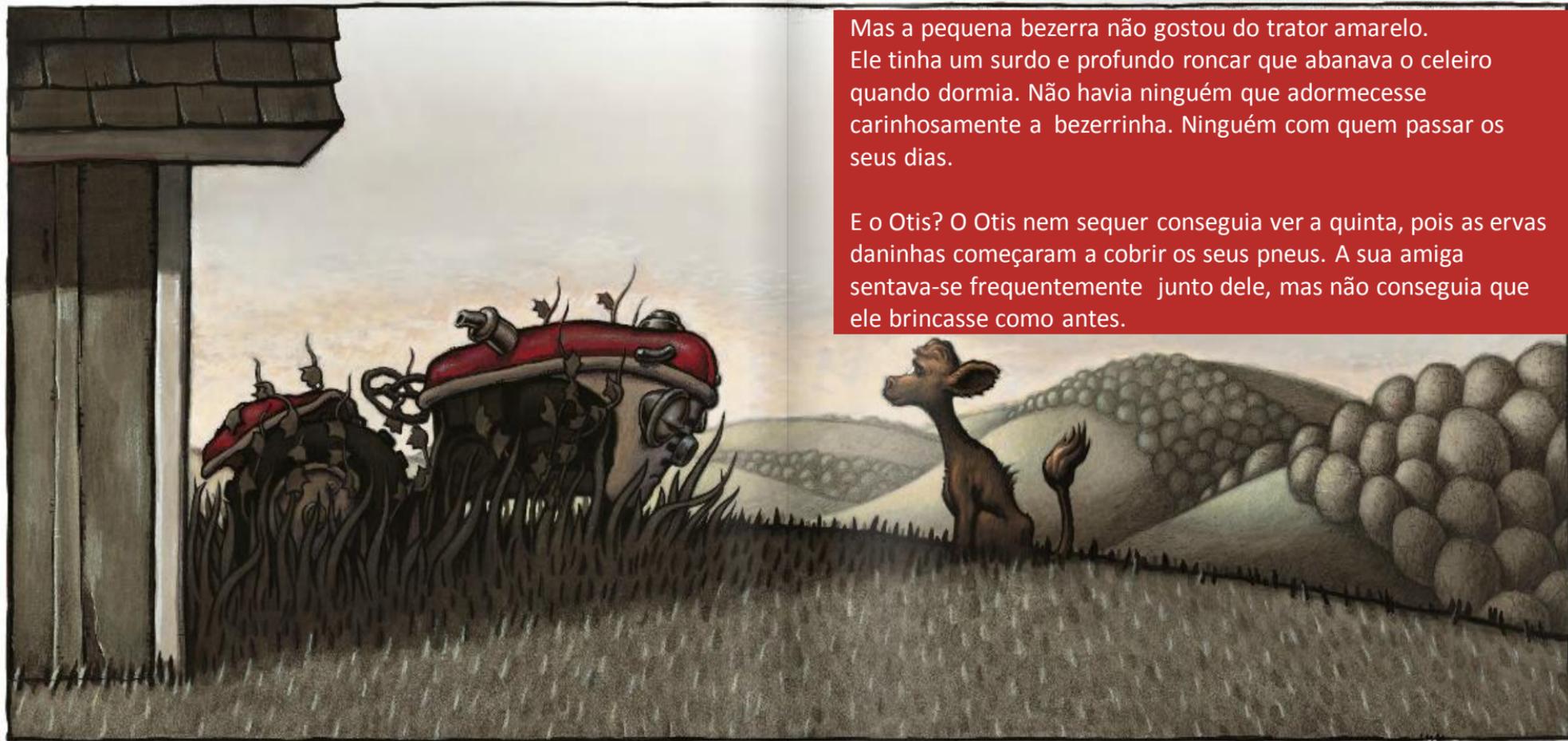
E a bezerra tornou as suas brincadeiras ainda melhores.

Às vezes, no fim do dia, os dois sentavam-se juntos debaixo da macieira e ficavam a olhar a quinta ao longe. Otis adorava a sua bezerrinha e a bezerrinha adorava-o a ele.





Mas ... um dia o lavrador surpreendeu toda a gente com um trator amarelo novinho em folha. "Está na hora de saíres, Otis" disse -lhe. Tirou Otis do seu cantinho no celeiro, que era só dele e arrumou-o nas traseiras. De seguida, levou o grande trator amarelo para o celeiro e parou-o ao lado da bezerrinha.



Mas a pequena bezerra não gostou do trator amarelo. Ele tinha um surdo e profundo roncar que abanava o celeiro quando dormia. Não havia ninguém que adormecesse carinhosamente a bezerrinha. Ninguém com quem passar os seus dias.

E o Otis? O Otis nem sequer conseguia ver a quinta, pois as ervas daninhas começaram a cobrir os seus pneus. A sua amiga sentava-se frequentemente junto dele, mas não conseguia que ele brincasse como antes.

No início do Verão o agricultor descobriu um cartaz que dizia: “ Quem tem o bezerro mais bonito cá da terra? Um conjunto de juízes irá decidir na feira do condado e o vencedor ganhará uma linda fita azul!” O agricultor conhecia a resposta a esta pergunta. Ele iria mostrar a sua pequena bezerra.

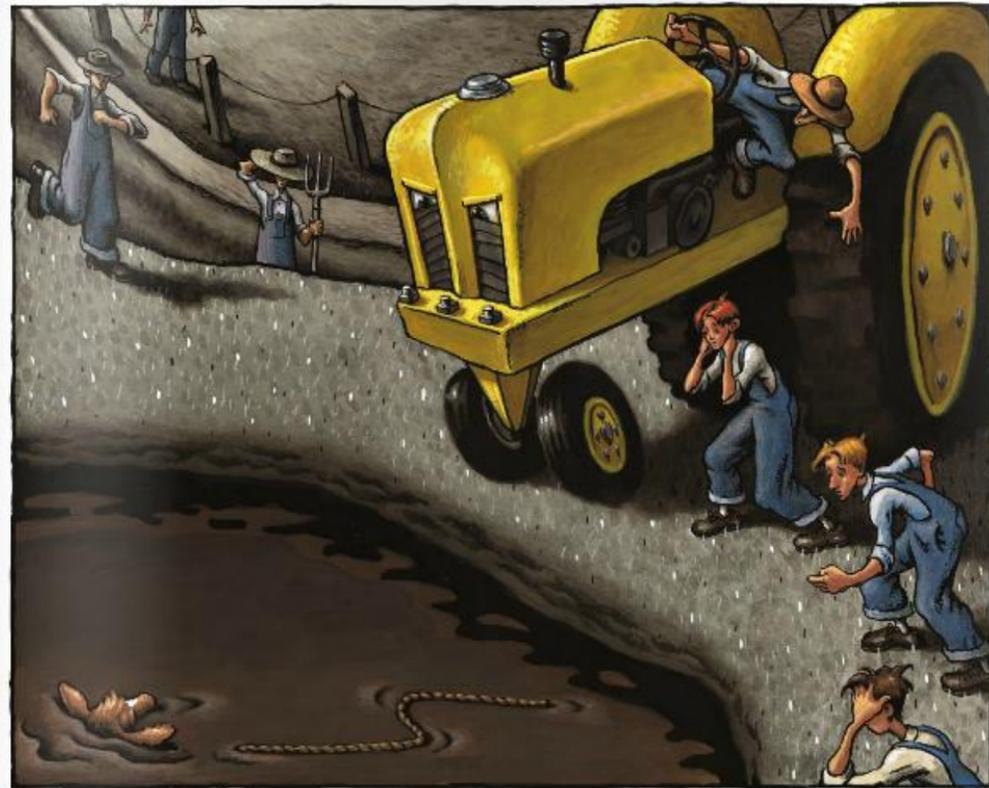
Mas quando chegou o dia da feira, ninguém conseguia encontrar a sua bezerrinha. Em sítio nenhum. Ela tinha andado e descido até ao lago de lama, que ficava ao lado do campo de milho, para se refrescar. Aos primeiros passos na água lamacenta, os seus pés ficaram enterrados. E a cada passo que dava mais se afundava.

A pequena bezerra estava assim, presa no lago de lama.





“Arranjem mãos!” gritou o agricultor quando a viu. Todas as mãos da quinta vieram a correr com cordas, mas quanto mais puxavam mais a bezerrinha se enterrava.



“Tragam o trator amarelo!” gritou o agricultor. “Ele pode salvá-la”. Mas o trator amarelo só assustou a pequena bezerra. Os agricultores dali perto começaram a juntar-se.

“Peçam ao Chefe Douglas que traga o caminhão dos bombeiros!” gritou o agricultor. “Eles podem salvar a nossa bezerrinha.” Mas, ao avistar o grande caminhão vermelho dos bombeiros, ela assustou-se ainda mais.

O agricultor estava de mãos atadas... se as mãos da quinta e o grande trator e até o Chefe Douglas e o caminhão dos bombeiros não conseguiam salvar a bezerrinha, quem poderia?



De repente, as orelhas da bezerrinha ergueram-se. Para lá do zunido da crescente multidão, vinha um som fraco à distância... Um leve e ritmado *truumm, truumm, truumm*. A multidão voltou-se e olhou.

O som foi ficando cada vez mais alto. E de repente, apareceu *truumm, truumm, truumm* vindo do celeiro, em direção ao lago de lama.



Otis veio colina abaixo com o seu leve *truumm* e parou mesmo na borda do lago de lama. A bezerrinha ouviu o seu amigo e berrou. Berrou qualquer coisa parecida com um olá.

Então, para admiração de todos os que estavam na multidão, Otis começou a andar, lentamente, à volta do lago.





Contornou o lago várias vezes e a bezerrinha seguiu o seu movimento sem nunca tirar os olhos do seu amigo.

A cada volta que Otis dava à volta do lago , a bezerrinha foi-se soltando da lama até que conseguiu cambalear para fora pelas suas próprias pernas. Os dois amigos tinham-se encontrado novamente.



Otis guiou a bezerra pela estrada poeirenta em direção à aldeia. E toda a gente atirou flores à medida que eles passavam, seguindo-os até à cidade. Parecia um alegre desfile. Ninguém precisava de uma fita azul para perceber que aquela bezerrinha era especial, que Otis era também um trator especial e que os dois eram amigos especiais.



Desse dia em diante, o agricultor descobriu que com o *truumm, truumm* do Otis junto do galinheiro, as suas galinhas punham mais ovos. Na hora da ordenha, com o *truumm, truumm* do Otis, as suas vacas produziam mais leite. E às vezes, Otis juntava-se ao agricultor e ao grande trator amarelo no trabalho dos campos.

Mas muitas vezes, ao final do dia, Otis sentava-se com a sua amiga bezerrinha debaixo da macieira e ficavam ali a olhar para a quinta ao longe.

Fim

